

Irmã Suzanne Guillemin: testemunho de luz para a Igreja e para o mundo

Ir. Suzane Tizott, FC

Ir. Raquel de Fátima Colet, FC

Aprofundar e refletir sobre nosso carisma institucional nos permite responder com maior convicção e propriedade à missão que assumimos como Pastoral Escolar Vicentina (PEV); por isso, a importância de dedicarmos tempo e recursos para nossa formação vicentina e pastoral. Motivados/as pelo tema orientador do ano - “Fazer o Bem! Fazer bem” - queremos resgatar a vida e obra de vicentinos e vicentinas que são para nós ícones do “bem bem-feito”. Começamos essa trajetória com Irmã Suzanne Guillemin, Filha da Caridade, e que foi escolhida por nós como patrona da PEV. O motivo desta escolha reside em sua notável contribuição na história da missão vicentina, particularmente para nós em referência à ação educativa. Neste subsídio de estudo apresentamos sua biografia, como também seu legado espiritual, humano e pastoral, e que hoje é para nós inspiração, testemunho e compromisso.

Uma imagem bíblica que nos ajuda a rezar e refletir nossa missão como cristãs e cristãos é a *luz*. Por várias vezes nos evangelhos, ouvimos Jesus de Nazaré fazer referência a ela para explicitar o projeto amoroso de Deus e nossa participação nele. De uma destas passagens, extraímos o fundamento teológico-pastoral que vai orientar esta nossa reflexão. No Evangelho de Mateus, ouvimos do Senhor:

Vós sois a luz do mundo! Não se pode esconder uma cidade situada num monte. Quando se acende uma lâmpada, não é para pô-la debaixo do alqueire, mas sobre a luminária, e ela brilha para todos os que estão na casa. Assim também brilhe a vossa luz aos olhos dos homens, a fim de que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem o vosso Pai que está nos céus (Mt 5, 14-16)

A missão de cada cristão/ã é ser luz do mundo; uma luz cuja razão de ser não reside em si mesma, mas permite visualizar o que está para além dela; uma luz que não é egoísta, autorreferencial, exclusivista. Não é por nossos méritos ou para nosso exclusivo benefício que somos luz, mas é um dom gratuito e amorosamente dado por Deus para o bem comum, especialmente dos mais pobres. Esse sinal luminoso é para nós perceptível em Irmã Suzanne Guillemin. Olhamos para ela como um fecho de luz que iluminou e aqueceu a vida de tantas pessoas e de tantas situações, uma vida que, parafraseando uma expressão por ela cunhada, foi “veículo da ternura de Cristo”.

1. Quem foi Suzanne Guillemin

Nossa Patrona nasceu a 16 de outubro de 1906, em Béthenville, na região de Marna, na França. Ingressou na Companhia das Filhas da Caridade no dia 20 de outubro de 1927, com 21 anos. Foi enviada em missão em 1928, na casa de Saint-Bernard-la-Chapelle, em um bairro operário de Paris, onde trabalhou com os pobres, visitando os doentes, dedicando-se à catequese e às obras educativas. Emitiu seus votos em 1932, quando a Companhia se preparava para celebrar seus 300 anos de existência. Em 1938, num período de graves conflitos causados pela Guerra, recebeu a nomeação como Irmã Servente na mesma Casa em que já residia. No ano de 1948 foi enviada a Tourcoing para dirigir um importante instituto de educação, ao mesmo tempo em que passou a exercer a função de Visitadora da Província do Norte da França. Retornou a Paris em 1954 para dirigir a Central de Obras, um importante organismo da Comunidade, anexo à Casa Mãe. Em 1955 foi



Figura 1: Irmã Suzanne Guillemin, patrona da PEV (Fonte: arquivos da PEV)

nomeada Conselheira da Província de Paris e, em 11 de junho de 1962, escolhida como Superiora Geral da Companhia, serviço que desempenhou com profundo zelo. Em 22 de setembro de 1964 foi nomeada como auditora do Concílio Vaticano II, sendo uma das 23 mulheres que participaram no mesmo¹. A 8 de março de 1967, recebeu a nomeação para consultora da Comissão de Justiça e Paz. Em 28 de março de 1968, Irmã Guillemin encontrou-se com o seu Senhor e Salvador, a quem havia consagrado livre e totalmente sua vida.

Uma Irmã que conviveu com Irmã Guillemin, conta assim as suas recordações:

Ir. Catarina (era o seu nome como Filha da Caridade) estava sempre alegre, nunca exuberante, com essa espécie de serenidade que alguns tomavam por vezes por uma certa frieza. Mas quando nos aproximamos dela mais de perto, bem depressa compreendíamos que ela tomava um vivíssimo interesse naquilo que lhe contávamos (Companhia das Filhas da Caridade, 1969. p. 27).



Figura 2: Irmã Guillemin e as demais auditoras no Vaticano II (Fonte: arquivo PEV).

Irmã Suzanne Guillemin conduziu a Companhia em um verdadeiro processo de renovação e revitalização, motivado, especialmente, pelo acontecimento conciliar. O desafio das mudanças que conduziu foi assumido com a firmeza de uma personalidade forte e convicta, modelada pelo Espírito e pelas experiências vividas. “A experiência junto aos mais pobres lançará as bases de sua missão e haverá de impregnar todo o seu caráter, dilatando seu coração para compartilhar as alegrias, esperanças e dores da humanidade do seu tempo” (TEIXEIRA, 2007. p. 13).

2. Uma missão-vocação iluminada e iluminadora

Tal como expresso em sua biografia, Irmã Suzanne Guillemin viveu em um momento particular da história. Constatar a singularidade dos acontecimentos que presenciou é tão importante quanto perceber o modo como esta realidade interpelou sua vida, e as respostas dadas a partir de sua missão. Tendo como referência, sobretudo, o conjunto de seus escritos, descrevemos três características suas, cujos reflexos ainda se fazem perceber na atualidade da ação vicentina.

2.1 A solidez na fé²

A fé teve um lugar central na vida e missão de Irmã Guillemin. Ela a entendia como “a base de toda vida espiritual [...] o começo de nossas relações com Deus e a nascente da caridade para a qual tendemos”, “o dom que nos condiciona todos os outros” (Circulares, p. 85-86). Este dom tem exigências, visto que ele “não é um depósito inerte e definitivo que se deve manter para o conservar intacto”, mas comporta um constante desenvolvimento, sendo pouco a pouco levado à perfeição, “fruto da graça conjugada com nosso esforço constante” (*Ibidem*, p. 87). Ao falar sobre esta virtude teológica

¹ Um breve relato sobre a participação de Irmã Guillemin no Vaticano II pode ser encontrado na obra *A presença feminina no Vaticano II. As 23 mulheres do Concílio*, de Adriana Valério (Paulinas, 2014).

² O ano de 1967 foi proclamado pelo Papa Paulo VI o Ano da Fé. Em razão disso, a Carta Circular enviada às Irmãs em 1º de janeiro de 1968, Irmã Suzanne propõe uma reflexão sobre esta virtude teológica. O item desta reflexão está fundamentado neste escrito.

às Irmãs, retoma as características da experiência de fé de São Vicente: uma fé esclarecida, humilde, forte, calma, ativa. Em suas palavras:

Assim como o dom da música ou da poesia, inscrito na natureza do artista, não se desenvolve se permanece inculco, também o talento da fé não produzirá frutos de vida se não for cultivado. Situa-se nisso a nossa responsabilidade e também a nossa liberdade (Ibidem).

Para este cultivo, aponta alguns caminhos: a) o desejo, propósito pessoal de crescer na fé, partindo da oração e da vivência sacramental; b) dedicar-se à leituras e estudos, pois uma fé simples não corresponde a uma fé cega, e aprofundar seus elementos é condição para torná-la acessível aos demais; c) valorizar a formação, por meio da participação de cursos e eventos para instrução e atualização teológica.

Contudo, salienta que a fé não é somente um ato de inteligência, mas “adesão do coração” que orienta nossas opções, de modo que as pessoas que vivem mais a sua fé não são as sábias e inteligentes, mas aquelas que, na humildade de coração e espírito, estão abertas à ação do Espírito intimamente ligada à caridade, de modo que uma não pode crescer sem a outra, uma “fé humilde, forte, calma” estabelece um contato permanente entre Deus e nós, nos dando a conhecer Sua ação “nas pessoas, nos acontecimentos e em nós próprias” (Ibidem. p. 90-91).



Figura 3: Irmã Suzanne Guillemin (Fonte: arquivo PEV).

2.2 O sentido de pertença à Igreja

Irmã Guillemin viveu de perto um momento ímpar da vida da Igreja, que foi o Concílio Vaticano II. Este, inaugurou um novo momento na relação entre a Igreja e o mundo, de modo que os documentos conciliares são basilares para a vida e a missão eclesial ainda na atualidade. Como auditora conciliar, ela pode sentir de perto o pulsar do Espírito na Igreja, os apelos pelo *aggiornamento*, por renovação e atualização, dando um grande contributo na reflexão sobre o lugar e a missão dos/as consagrados/as. Para ela, faz-se mister que cada carisma descubra e assuma a sua especificidade na comunidade eclesial:

O que a Igreja espera de nós, não é um trabalho pessoal, mas a revitalização da primeira inspiração dos nossos Santos Fundadores. Toda a tentativa de renovação ou de adaptação que não tivesse por ponto de partida o desejo de pôr em valor o espírito das origens seria expô-lo ao fracasso. Mas separar o espírito das formas que vieram envolvê-lo e descobrir como deve manifestar-se ao mundo atual, é este o verdadeiro trabalho a realizar” (Ibidem. p. 33).

Seus escritos, especialmente as Cartas Circulares dirigidas às Irmãs, caminharam em sintonia com o pensar da Igreja. Seu sentido de pertença a esta não é, contudo, fruto unicamente deste tempo, mas uma convicção amadurecida e testemunhada ao longo de sua missão. Compreende a necessidade de envolver-se com a caminhada eclesial: “Entrar ativamente no andamento da Igreja, e adaptar-se ao mundo de hoje, são questões de vida ou de morte para a Comunidade, e o que é mais grave ainda, de fidelidade ou de traição à nossa vocação” (Ibidem. p. 29). Na orientação às Irmãs, nas funções e obras que está à frente, esse princípio a acompanha: “[...] onde estamos colocados, onde trabalhamos, tenhamos fortemente consciência de estar ali e agir em nome de Cristo e da Igreja, nas ações, nas palavras, nas menores atitudes, a responsabilidade de apresentar Cristo e a Igreja” (Ibidem. p. 30-31).

2.3 A sensibilidade ativa para a realidade

O Concílio Vaticano II em um de seus documentos traz impressa a expressão “sinais dos tempos”³ como um ponto de atenção e escuta àquilo que Deus está a dizer em cada momento histórico. Imbuída desta motivação, Irmã Guillemim esteve à frente de um verdadeiro processo de renovação da Companhia que perpassou desde a atualização do hábito das Filhas da Caridade⁴ até o modo de organização e atuação. Ela foi sensível às mudanças socioculturais que estavam em curso, dos sujeitos emergentes e, especialmente, da necessidade de novas respostas que precisavam ser dadas a este novo contexto. Vê com agrado o surgimento de uma cultura de direitos, da emancipação da mulher, a abertura à contribuição do laicato e da vida religiosa feminina na vida da Igreja. Como ela mesma infere:



Figura 4: Irmã Guillemim e o Papa Paulo VI, no Concílio Vaticano II (Fonte: arquivos da PEV).

“O movimento é sinal de vida. Tudo o que vive deve obrigatoriamente alimentar-se, transformar-se, renovar-se constantemente para se adaptar às circunstâncias diversas. Fixar-se na imobilidade é condenar-se a morrer” (Ibidem, p.41).

Está convencida de que, frente à novidade que se apresenta, o caminho mais urgente é o da reflexão, que permite o necessário discernimento daquilo que se apresenta, tarefa a ser assumida pelas diversas vocações e ministérios da Igreja. É, da mesma forma, importante que cada um se sinta participante ativo/a da missão, numa relação que implica compreensão e plena adesão de vontade: é preciso consciência e comprometimento comum. Neste sentido, Irmã Guillemim se apresentou como uma das grandes motivadoras da cooperação entre Irmãs e leigos/as, ao mesmo tempo em que reconheceu a importância das frentes de assistência e promoção humana desenvolvidas pelo poder público e organismos da sociedade civil organizada:



Figura 5: Irmã Guillemim com o hábito pré-conciliar (Fonte: arquivos da PEV)

Outrora, a Igreja exercia uma espécie de monopólio nas obras de misericórdia reveladoras da Caridade. Atualmente o serviço do próximo é considerado como uma profissão e envolvido também pela técnica. Não é exercido em nome de Deus, mas em nome do Estado, da sociedade. Não é caso para se deplorar, ao contrário, é o desenvolvimento da justiça, o estabelecimento da ordem humana próxima do Reino de Deus, a aurora do advento da caridade” (Circulares, p. 201).

Este princípio está em sintonia com um elemento do Ensino Social da Igreja, que se refere à “justa autonomia das realidades terrestres” (GS, 36). Ou seja, a ação humana expressa no desenvolvimento da técnica, da ciência e de outras iniciativas temporais possuem leis e valores próprios que precisam ser reconhecidos e respeitados, tendo em vista que, tal como a realidade da fé, tem origem no mesmo Deus. Neste sentido, Irmã Guillemim orienta para uma nova perspectiva em se assumir a missão, particularmente em relação ao serviço dos pobres: “Tivemos o hábito de trabalhar para os outros que agora esperam que trabalhem com eles” (Ibidem, p. 198). Em consonância a este

³ Gaudium et Spes (GS), 4.

⁴ Em 20 de setembro de 1964 deu-se a mudança do hábito. Nesta data as cerca de 45 mil Filhas da Caridade deixaram a tradicional e inconfundível *cornette*, passando a usar um vestuário mais simples e adequado aos novos tempos.

pensamento, está uma de suas máximas, a qual corresponde ao diferencial a ser testemunhado pelos/as cristãos/ãs, em particular pelos/as vicentinos/as:

[...] a nossa razão de ser não é motivada habitualmente pelos trabalhos que os leigos cumprem tão bem como nós, mas a nossa razão de ser é de *incarnarmos* [sic] a *caridade*. Nos diferentes meios, e junto de leigos com os quais trabalhamos, a nossa maneira de ser e de proceder deve ser um constante convite ao respeito fraterno e ao pensamento de Deus. O que o Senhor espera de nós, não é somente darmos assistência, prestar serviços, auxiliar, é torná-Lo presente no esforço humano em que nós nos situamos em nome da Igreja. Temos de *humanizar a técnica, de fazer dela o veículo da ternura de Cristo* (Ibidem. p. 201, grifo nosso).

Por sua vez, esse diferencial comporta uma presença qualificada, seja do ponto de vista humano, espiritual ou profissional, pois a *"a competência é um dever de justiça, qualquer que seja a atividade que desempenhamos"*, o que requer uma formação adequada para a missão assumida:

[...] As pessoas que se nos dirigem têm o direito de pensar que temos os conhecimentos necessários, no estado atual das coisas, para lhes prestarmos um bom serviço, que se trate de assistência, de instrução ou de educação. O sentido de Deus que possuem [...] adverte-os que não se pode lealmente prestar um serviço em nome de Deus se não for iluminado por uma suficiente competência (Ibidem. p. 199).

O processo de humanização da técnica e das relações precisa ser transversalizado pela caridade, a qual *"consiste menos em socorrer do que em compreender e manter o esforço da libertação que anima as classes e os povos desfavorecidos"* (Ibidem. p. 39). Essa consideração sinaliza para a importância de compreender nossa ação junto aos mais pobres a partir da transformação das estruturas que mantém e legitimam a pobreza. Irmã Guillemin tem o cuidado de que o termo "Pobre" não seja usado como um mero jargão, em torno do qual corre-se o risco de instrumentalizar um discurso assistencialista, pietista e ideologicamente estratégico. É preciso considerar que a pobreza é uma condição que humilha e exclui, e a bem-aventurança em ser pobre não se refere à manutenção desta condição; o uso deste termo deve ser acompanhado por aquilo que a Tradição Latino-Americana definiu de "opção pelos pobres contra a pobreza": opta-se pelos pobres porque o Senhor optou por eles, a fim de conduzir a todos/as para a plenitude, a qual passa pelo acesso às condições básicas para uma vida digna na realidade histórica. É neste horizonte que o Serviço dos Pobres se configura como a vocação/chamado do Carisma Vicentino: servir, o que, segundo nossa Patrona, "não é senão pôr em ação o amor".

3. Um testemunho que permanece

Entendemos que um dos maiores motivos de ação de graças, bem como de compromisso para o Carisma Vicentino, tem a ver com uma espécie de "gene" de novidade que apresenta desde suas origens e que pode ser verificado ao longo da história. Essa originalidade, que conjuga ousadia e profetismo, nos impele a discernir e assumir os caminhos de Deus na nossa história, em "suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias" (GS, 1).



Figura 6: Irmã Suzanne Guillemin (Fonte: arquivo PEV).

As intuições de Irmã Suzanne Guillemin, fruto de uma profunda experiência de fé e de escuta atenta da realidade de seu tempo, podem nos ajudar a rezar e refletir nossa missão hoje como Educação Vicentina e, particularmente, como Pastoral Escolar. Neste sentido, propomos alguns pontos para pensar nossas opções e práticas pessoais e comunitárias:

- a) A *experiência de fé* como princípio base para a Pastoral Escolar e, particularmente, para aqueles/as que estão à frente desta ação. O/a pastoralista é convidado/a ser uma pessoa imbuída de Deus, cujo olhar de fé é capaz de transfigurar a realidade onde atua à luz do projeto de Deus. A vivência de uma espiritualidade encarnada e dialógica são dimensões necessárias neste processo que é cultivo diário.
- b) O *sentido de eclesialidade* que caracteriza nossa ação pastoral na escola, estreitamente ligado à confessionalidade institucional. Isso comporta o envolvimento ativo na vida da Igreja, *salvaguardando* a especificidade desta ação no espaço escolar, especialmente em relação aos métodos empregados e aos sujeitos envolvidos.
- c) Uma *ampla e contextualizada leitura de mundo*, sustentada nas referências do Ensino Social da Igreja e nos instrumentos das ciências sociais. A educação é caminho privilegiado para a construção de uma nova mentalidade e de relações mais equânimes e dialógicas. Servir os pobres hoje implica em superar visões assistencialistas e reducionistas, mas em colocar em cena e contribuir para o empoderamento daqueles/as que são colocados/as à margem dos recursos humanos, espirituais, materiais, ecossociais. Neste sentido, cabe o constante questionamento acerca das pobrezaas que estão presentes em nossas realidades locais. Como responder a elas? A Educação Vicentina existe para ser essa resposta.
- d) O *compromisso permanente pela formação*, em todas as dimensões e níveis. Para a PEV, comporta em reconhecer institucionalmente a legitimidade da ação pastoral, bem como buscar a qualificação desta ação. Essa é, primeiramente, uma tarefa do/a próprio/a pastoralista, acessando os diferentes meios de crescer e aprimorar sua atuação, zelando sempre pelo que é próprio do carisma que abraça.

Nosso Documento Provincial, no qual estão contidas as referências para o ser e o agir da PEV, considera que a ação evangelizadora na escola constitui uma “experiência de educação da fé da comunidade educativa” na perspectiva da educação integral (PEVIMA, p. 19). Esta missão é preciosa demais para ser improvisada ou relegada a um âmbito secundário na vida de nossas Instituições. É questão de fidelidade ao carisma que nos é próprio que nos foi dado como dom e como tarefa. Mais do que nunca, percebemos hoje a importância de um processo educativo que interaja com a pluralidade de contextos e sujeitos, agregando valores e gestando posturas de solidariedade e cuidado. Referindo-se às juventudes de seu tempo, Irmã Guillemin sinaliza para a importância de acolher e valorizar a novidade presente nelas:

[...] A juventude tem de ser compreendida, apreciada, ajudada a pôr a serviço de Deus as vastíssimas possibilidades da sua geração e não as queremos semelhantes a nós. Paralelamente, temos de rever e modificar a nossa mentalidade, hábitos de vida, e por vezes as estruturas das nossas instituições e o nosso modo de ação (Circulares, p. 29).

A PEV é chamada a ser na realidade escolar um sacramento de novidade, um sinal luminoso que contribua para “uma sociedade justa, humana e solidária”, tal como assumimos como missão institucional. Que o testemunho de nossa Patrona, Irmã Suzanne Guillemin, seja para nós incentivo e inspiração no modo como somos e fazemos pastoral.

4. Questões para pensar a ação pastoral:

I – Destaque dois aspectos fortes da vida e obra de Irmã Suzanne Guillemin, procurando relacioná-los com nossa missão de pastoralistas vicentinos/as.

II – Considerando as competências e habilidades dos/as Pastoralistas relacionadas em nosso Documento Provincial (p. 12) e o testemunho de Irmã Guillemin, que apelos pessoais percebemos em nossa atuação na ação pastoral? O que precisamos priorizar em nossa formação e capacitação?

III – Que opções estruturais e ações coletivas podemos assumir como PEV para sermos fieis ao nosso carisma e à identidade da Pastoral, tendo como referência o legado que nos foi deixado por Irmã Guillemin?

Oração do/a Pastoralista Vicentino/a

Amoroso Deus, nós Te agradecemos por nossa vocação-missão de Pastoralistas! Ela é dom de Tua bondade, a quem respondemos na fé e na doação, com o desejo sincero de sermos luminárias da Boa-Nova junto à comunidade educativa.

Tu nos confiaste a tarefa de evangelizar educando e educar evangelizando, tendo como nosso horizonte maior o projeto de Teu Reino, que nos foi dado a conhecer por Teu Filho Jesus.
Fazei-nos perseverar e crescer no compromisso com este chamado!

Como aprendemos de Luísa de Marillac e Vicente de Paulo, queremos traduzir essa missão em amor-serviço, afetivo e efetivo, a todos os irmãos e irmãs que conosco percorrem as travessias libertadoras da educação, e com todas as pessoas que Tua Providência nos confia.

Pedimos a Ti, fortalecidos/as pelo carisma que nos inflama e impulsiona, que nosso coração, nossas convicções e nossos braços sejam espaços de acolhida e cuidado a todos aqueles e aquelas que convivemos e, especialmente, aos mais pobres, "nossos senhores e mestres", sobre os quais repousas Teu olhar com terna predileção.

Dá-nos viver com sabedoria e coerência as virtudes de nossa identidade vicentina:
a *humildade* que nos permite reconhecer que nossos talentos e os frutos colhidos na missão germinam unicamente na terra de Tua graça;
a *simplicidade* que nos torna transparentes, disponíveis à verdade e à justiça;
a *caridade* que fecunda nosso ser e nosso agir, e os configura àquilo que Tu és: totalmente amor!

Capacita-nos com os dons de Teu Espírito! Cultiva em nós a alegria, o discernimento, a tolerância, o diálogo, a ousadia e o encantamento pelo Teu Evangelho.
Isso Te pedimos em prece com Maria, Mãe de Jesus e nossa! Amém!



REFERÊNCIAS:

- BÍBLIA. Português. **A Bíblia**. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola/Paulinas, 1995.
- COMISSÃO ESPECIALIZADA DE EDUCAÇÃO DA PROVÍNCIA DE CURITIBA (CEEPaC). **Pastoral Escolar Vicentina: identidade, missão e ação**. Gráfica Gigapress: Curitiba, 2015.
- CONGREGACIÓN DE LA MISIÓN & COMPANIA DE LAS HIJAS DE LA CARIDADE. **Sor Susana Guillemín (1906-1968)**. Las cuatro fidelidades de su vida. Anales de la Congregación de la Misión y de las Hijas de la Caridad, tomo 115, n. 1, Madrid: enero-febrero 2007, p. 39-52.
- COMPANHIA DAS FILHAS DA CARIDADE. **Circulares da nossa mãe Suzanne Guillemín**. 1963-1968. **Notícias da Companhia**. Paris, 1969.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.
- GUILLEMIN, S. **Sor. Susana Guillemín, H. C.** Escritos e palavras. Salamanca/ESP: CEME, 1988.
- TEIXEIRA, V. (nome do texto). In. **Informativo São Vicente**. Ano XL, n. 267, Belo Horizonte, mai/jun. 2007, p. 129-131.
- VALERIO, A. **A presença feminina no Vaticano II**. As 23 mulheres do Concílio. São Paulo: Paulinas, 2014.